

QUARTO DE EMPREGADA

Elvira Macedo Nascimento

Teatro - Missão

O escuro e o vômito.

O fechamento de perspectivas. A experiência do muro sar-treano, e novo Natal e as velhas crucificações. O final do espetáculo **Quarto de Empregada**. Nós o levamos para casa. A noite, o corte das buscas humanas, o sinal do que nasce em um mundo sem lugar.

Levamos o teatro. O encontro com a arte e os seus objetivos profundos de fusão de esperanças humanas. Porque, numa visão psicológica, e que é falado em teatro em termos do patético (frustrações, medos, angústias e fugas) não é colocado como confirmação do negativo existencial, mas como apelo e indicação do que deve ser superado.

Teatro é esse movimento interior de nossa subjetividade até o pólo de uma objetividade que desencadeia o desenvolvimento sadio do mundo.

Assim, não só o mundo da Rosa e da Sueli, personagens da peça, veio até nós, mas o de todas as Rosas e Suelis, numa dimensão universalista da obra de arte. Assim como uma pergunta riscando nossas velhas respostas.

A Peça



Se a literatura manipula a palavra e a pintura organiza a forma como pontos de ligação até o homem, o teatro é mais exigente e global: lança o próprio homem como ponte e campo de expressividade.

Esse homem, porém, que é o ator, até valer a palavra, a forma, tudo e, além disso, esse homem caminha arduamente dentro de si mesmo: da cognição à afetividade controlada. Invertendo o processo psicológico do espectador o temos,

num primeiro momento, esvaziado de seus quadros pessoais, perceptuais. Lentamente recolhendo os elementos que compõem a estrutura do texto: juízes, crenças, sentimentos. E esse mundo engolido e alisado é sacudido pela sua sensibilidade. Então, aí nasce o personagem.

Daí a síntese preliminar nos planos consciente/inconsciente: artista/personagem, aptidão/identificação.

Rosa, atriz-1, e Sueli, atriz-2, linguagem — carne do teatro realista de Roberto Freire conduzem à seguinte reflexão:

Serão seus papéis (Rosa: velha; Sueli: jovem) só cronologicamente diversos? Marcados pelo mesmo contexto sociológico, seria Rosa, no momento de seu drama, idêntica, psicologicamente, a Sueli?

A vocação à individualização responde pelo mais básico no ser humano. Todas as Suelis e Rosas são fatos sociais iguais e fatos psicológicos diversos.

Rosa é diferente de Sueli como Rosa é diversa da atriz 1 e Sueli não é idêntica à atriz 2.

O distanciamento e a coincidência entre artista-personagem é que dão às figuras de **Quarto de Empregada** a impressão de domínio técnico e vivência na arte de comunicar o mistério humano: único e pleno de transparências.

Personagem — Fantasia

A luta fundamental do ser humano é acoplar o seu mundo interno ao mundo externo e acrescentá-lo, recriando-o.

Todo o homem é, no princípio, sonho, busca de prazer, imediatismo, culminâncias, pensamento mágico. A ilusão tem sinal verde. Desliza toboganicamente. Descompromissada.

Sueli se impõe como aquela personagem submissa a esse começo de mundo psicológico que, pelo sonho, simplifica a realidade. Intensamente submissa ao substrato, inconsciente, porque marginal, ela não foge ao controle do mágico. Desmentiu, sofredamente, o seu mundo provinciano. Mas até o segundo momento da peça não há consciência dessa dora.

Porque há uma janela e uma porta.

Entrincheirada em racionalizações (desculpas para Arge-miro), ou convivendo consigo mesma, no espelho, por mil deva-

neios, agredindo a realidade em Rosa ou adaptando-se magicamente ao que ainda não é, Sueli transpõe suas vestes do guarda-roupa para a mala como suas fantasias do inconsciente para o consciente.

Da instalação à provisoriedade perpassa seu sonho-solução.

O derrotado retorno de Sueli marca a invasão do consciente pelo inconsciente. Cede a fantasia.

Sueli funde-se à Rosa. Cientificamente jogam ao mundo as histórias de suas desesperanças. Há, então, a consciência da dor que é limite. Não mais janela, nem porta. Só a escuridão. E o vômito.

Personagem - Realidade

A realidade se impõe ao homem e resiste à recriação. Pobres são seus limites. Escassa a consciência. A consciência da dor, fundamentalmente. A consciência de Rosa.

Se, no princípio, o homem é fantasia, posteriormente ele se submete à realidade para sobreviver, embora negado em seu sonho de criação.

Rosa é a realidade. É a forma do consciente dominando e adiando o impulso inconsciente de Sueli. Tornando a felicidade impossível ou pagando prestações ao prazer não vivido.

Ela é Sueli do futuro, lutando com Rosa do passado. Rosa é maternidade e fracasso. Desesperança. Seu projeto de vida truncado, e ela guardando a culpa intrínseca da traição à própria natureza nascida para a Autonomia e a Individualização.

Mas Rosa, basicamente, é realidade, um plano consciente sem saídas: a conformação e a não identidade permitida.

Suas pernas doem-lhe as raízes desplantadas. Rolantes.

Cenário

O mundo da peça é um quadrado. Não pode evoluir. Corta a percepção que desliza. É um quarto com ângulos agudos.

No fundo do quarto: um beliche.

No plano de cima: Sueli deita seu sonho de espera. No alto, a paisagem mítica da moça marginal — ídolos das grandes cidades.

No plano de baixo: Rosa. Perto do real que é duro. Amparado por santos e por São Jorge que mata, no dragão, o mal do mundo.

Uma janela: o vir-a-ser.

Um espelho: possibilidade do diálogo de Sueli com seu corpo transido de santa. Contra Rosa.

Perdidos objetos cortando a identidade de uma vida provisória.

Conclusão

A dialética entre fantasia — realidade, no plano dos personagens, é paralelo à dialética vir-a-ser, no plano do cenário. E a peça se move dentro de um dinamismo que denuncia o extraordinário poder de busca da pessoa apagada pela escuridão do seu lado de fora.

Nossos aplausos, portanto a Manifesto, grupo teatral de Bagé que dirigiu, interpretou e montou esse espetáculo com a vitalidade de uma organização profissional, tornando possível esse recado da Psicologia, ciência que se propõe a integrar as necessidades básicas da pessoa as do mundo.